





## ANÁLISE DAS REDES SOCIAIS DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS CONTEMPORÂNEOS

### ANALYSIS OF THE SOCIAL NETWORKS OF CONTEMPORARY NARRATORS


Meri Nadia Marques Gerlin<sup>1</sup>

 0000-0003-4292-2559

Daniela Lucas da Silva Lemos<sup>2</sup>

 0000-0003-1565-7366

Elmira Luzia Melo Soares Simeão<sup>3</sup>

 0000-0003-3961-8097

#### RESUMO

Na contemporaneidade, os narradores de histórias apropriam-se da cultura oral tanto quanto da linguagem hipertextual potencializada pelas novas tecnologias, contribuindo para o fortalecimento da comunicação da informação narrativa e para o compartilhamento das experiências no campo da contação de histórias. Ao apresentar sociogramas das redes dos narradores contemporâneos do Estado do Espírito Santo e o resultado de seus principais indicadores (densidade e centralidade) sob a ótica da Análise de Redes Sociais, destacam-se aspectos teóricos e metodológicos relacionados ao mapeamento dos desenhos e das conexões direcionadas para a prática da contação de histórias. O estudo exploratório, descritivo e explicativo assume, quanto aos procedimentos, características de uma pesquisa bibliográfica com a meta de fundamentar conceitos como Redes Sociais, Narrativa Oral e Análise de Redes Sociais. Com a análise, representam-se aspectos relacionados com o grau de centralização e a centralidade e coloca-se em questão a gestão das estruturas de comunicação, de forma que a centralização seja entendida a partir das relações dos grafos contribuindo para a representação das redes. As conexões efetivam-se em redes sociais centralizadas, descentralizadas e distribuídas, sendo esse último desenho um ideal em termos de comunicação devido descentralizar e distribuir processos de produção de conhecimento e compartilhamento de uma (in)formação direcionada para a colaboração e a cooperação em ambientes híbridos. Depreende-se que esses atores compartilham informação narrativa em espaços presenciais e virtuais fortalecendo laços de relacionamentos multiplexos, necessitando, portanto, aprimorar habilidades de comunicação e técnicas de conexão em redes digitais de forma que possam atuar profissionalmente no ciberespaço.

**Palavras-Chave:** Análise de redes sociais. Conexão em rede. Contação de histórias. Informação narrativa. Narrador contemporâneo.

---

*Artigo recebido em 03/03/2021 e aceito para publicação em 01/06/2022.*

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF) do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE) da UFES. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7448832399554247>. E-mail: merinadia@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Biblioteconomia e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9280443047358807>. E-mail: danielalucas@hotmail.com.

<sup>3</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7033301273963724>. E-mail: elmirasimeao@gmail.com.

## **ABSTRACT**

*In contemporaneity, the narrators of stories appropriate oral culture as well as the hypertextual language enhanced by new technologies, contributing to the strengthening of the communication of narrative information and to the sharing of experiences in the field of storytelling. When presenting sociograms of the networks of contemporary narrators from the State of Espírito Santo and the result of their main indicators (density and centrality) from the perspective of Social Network Analysis, theoretical and methodological aspects related to the mapping of drawings and targeted connections stand out for the practice of storytelling. The exploratory, descriptive and explanatory study assumes, as for the procedures, characteristics of a bibliographic research with the goal of supporting concepts such as Social Networks, Oral Narrative and Social Network Analysis. With the analysis, aspects related to the degree of centralization and centrality are represented and the management of communication structures is questioned, so that centralization is understood from the relationships of the graphs contributing to the representation of the networks. Connections take place in centralized, decentralized and distributed social networks, the latter being an ideal in terms of communication due to decentralizing and distributing knowledge production processes and sharing (in) training directed towards collaboration and cooperation in environments hybrids. It appears that these actors share narrative information in face-to-face and virtual spaces, strengthening ties of multiplex relationships, therefore needing to improve communication skills and connection techniques in digital networks so that they can act professionally in cyberspace.*

**Keywords:** *Social network analysis. Network connection. Storytelling. Narrative information. Contemporary narrator.*

## **1 INTRODUÇÃO**

O narrador contemporâneo comunica a informação oral em diferentes ambientes transcendendo espaços físicos das bibliotecas, centros comunitários, escolas e outras instituições demarcadas por funções sociais, regras, princípios, condutas humanas e profissionais. A informação narrativa compreende conhecimentos transmitidos oralmente em territórios de informação, educação e cultura, requerendo processos de produção, apropriação e compartilhamento de modalidades literárias, técnicas e artísticas resguardadas e imortalizadas por estruturas narrativas (fictícias, populares, reais e tradicionais) originárias de fontes orais (relatos, casos e entrevistas) podendo ou não resultar no registro em suportes como livros, vídeos, revistas e websites.

A narrativa oral, potencializada pelo uso de uma informação textual remissiva, encontra-se imbricada pela multimodalidade e hipertextualidade dos suportes constituídos pela linguagem escrita, imagética e oralizada em ambiência digital. O hipertexto digital é definido como uma informação multimodal disposta em uma rede de navegação rápida e intuitiva, alimentada

por nós (nodos) que se constituem como elementos de conexão (informação, parágrafos, páginas, imagens e sons) e *links* distribuídos entre esses nós (referências, notas e ‘botões’) indicando a transição de um nó para o outro (LÉVY, 2010). Essa nova estrutura de comunicação (hiper)textual torna-se uma importante ferramenta para o desenvolvimento do trabalho do narrador de histórias na era digital.

No contexto da era digital, ou era da informação como também é denominada, expressões como “contação e narrativa de histórias” são adotadas para definir a prática de um profissional experiente em comunicar notícias, fatos, dados, casos e gêneros literários como contos de fadas, fábulas, lendas, mitos e histórias autorais em suas redes de colaboração. Essa constatação fundamenta o uso de termos como “contador e narrador de histórias contemporâneos” utilizados para referenciar a atuação presencial em centros urbanos e no espaço virtual (ciberespaço), assim como “narrador e contador de histórias tradicional” relacionam-se com um tipo de narrador regional que aprende o ofício através da experiência compartilhada em seus grupos sociais<sup>4</sup> (BENJAMIN, 1996; BUSATTO, 2011; GERLIN, 2018).

Contudo, são considerados narradores contemporâneos aqueles que apreendem o seu ofício nas regiões em que vivem contando causos, contos e anedotas em uma aldeia de pescadores, comunidade indígena, rural ou quilombola, tanto quanto os narradores que desenvolvem atividades como comunicadores, pesquisadores e educadores em cursos de formação no meio urbano e/ou digital. Esses sujeitos necessitam se aperfeiçoar em processos (in)formativos e culturais para atuar em espaços comunitários, em emissoras de televisão e rádio, ambientes de compartilhamento de informações audiovisuais como o Youtube, dentre outros espaços tempos que começam a ser contemplados pela prática da contação de histórias na sociedade contemporânea.

Na contemporaneidade, os narradores atuam em instituições e autonomamente sendo remunerados ou não, já que alguns não recebem gratificação específica para o desenvolvimento das atividades profissionais.

---

<sup>4</sup> No decorrer desta pesquisa, na maioria das vezes, adota-se o termo contação de histórias para se referir à prática desses atores sociais e narrador de histórias para a indicação do profissional dessa área que compreende outros campos de atuação que se apropriam da oralidade em espaços acadêmicos, comunitários, editoriais, cênicos, educativos, informacionais, organizacionais, entre outros.

Dedicam-se à prática da oralidade requerendo espaços de formação específica, formal e/ou informal, para o atendimento das demandas em ambientes presenciais e no ciberespaço que é fortalecido pelos recursos tecnológicos e equipamentos eletrônicos como o *smartphone*, o *smartwatches*, o *notebook* e o *tablet* com potencial para conectá-los ao mundo. Esses atores necessitam participar de redes sociais como o Facebook, o Instagram e outras acessadas na Internet, fortalecendo movimentos de produção de conhecimento, processos de buscas e compartilhamento de informações narrativas, culturais, literárias, técnicas, acadêmicas, entre outras modalidades.

A Internet é entendida como uma enorme rede de computadores interligados oportunizando a conexão e o compartilhamento de informações multimodais e hipertextuais, ampliando a comunicação entre sujeitos por meio de estruturas amigáveis, flexíveis, livres e autônomas. Ao se caracterizar como a “rede das redes” reúne “[...] um grande acervo de dados e de informações aberto a múltiplas escritas, consultas, leituras, usos e apropriações”, ampliando geograficamente e socialmente processos de interação e comunicação em escala global (MARTELETO, 2018, p. 32). A Web (*World Wide Web*) se constitui como uma ferramenta potente no contexto dessa rede digital, ao viabilizar o acesso aos bancos de dados, novos sistemas de telecomunicações e *softwares* de consolidação de informações. Para isso, disponibiliza navegadores como o Google Chrome, Mozilla Firefox e Microfoft Edge e impulsiona a (re)produção de conhecimentos por meio de servidores web desenvolvendo-se por meio de processos de interações sociais e comunicativas (JOHNSON, 2011; RECUERO, 2009; UGARTE, 2008).

O cenário de comunicação interpessoal voltado para a disseminação da informação narrativa na Internet permite colocar em análise o mapeamento das conexões em redes de comunicação centralizadas, descentralizadas e distribuídas dos narradores de histórias, alimentando o pressuposto de que quanto mais centralizada a estrutura dos seus grupos sociais maiores as dificuldades encontradas em processos de aprendizagens (formais e informais), produção de conhecimento e compartilhamento da informação na era digital. Na rede de comunicação centralizada, as tarefas dos atores sociais concentram-se em um único nó (conexão), enquanto que na rede descentralizada percebe-se um avanço no momento em que não há apenas um nó no controle, mesmo não

se configurando como distribuída devido a poucos atores aparecerem como responsáveis pelos processos de comunicação e transferência da informação (BARAN, 1964; RECUERO, 2009).

Nesse sentido, o processo de Análise de Redes Sociais (ARS) aparece como uma estratégia metodológica utilizada pela Ciência da Informação (CI) e outras áreas do conhecimento capaz de analisar estruturas de comunicação em formatos de redes, principalmente em ambientes virtuais, tornando possível a representação gráfica da estrutura das relações em redes (sociogramas) em constante transformações no momento em que são mapeados e percebidos seus atores em conexões (des)centralizadas e cada vez mais distribuídas com o uso das novas tecnologias (HIGGINS; RIBEIRO, 2018; MARTELETO, 2018; RECUERO, 2017). Em vista do exposto, o objetivo desta pesquisa é apresentar os sociogramas das redes dos narradores contemporâneos do Estado do Espírito Santo (ES) e o resultado de seus principais indicadores (densidade e centralidade) sob a ótica da ARS, destacando-se aspectos teóricos e metodológicos relacionados ao mapeamento dos desenhos das conexões direcionadas para a prática da contação de histórias.

## **2 AMBIENTES DE REDES SOCIAIS DOS NARRADORES DE HISTÓRIAS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

A oralidade fundamenta a prática dos narradores organizados em comunidades tradicionais e em grupos formados em centros urbanos constituída por uma profissão fortalecida ao longo do século XX e nas últimas duas décadas do século XXI (MATOS, 2014), inserindo esses sujeitos no contexto de uma atividade que se apropria das técnicas originárias da cultura oral e, ao mesmo tempo, dos recursos tecnológicos de escrita e comunicação para disseminar a informação narrativa. Assim sendo, adquirem conhecimentos, habilidades e técnicas (competências)<sup>5</sup> diferenciadas para o exercício da sua profissão na era digital, diferentemente dos seus precursores que contavam histórias em

---

<sup>5</sup> Mesmo que o tema não seja abordado, importa colocar que os narradores necessitam de competências (conhecimentos, habilidades, técnicas e atitudes) para buscar, produzir e comunicar informação em redes sociais. Dentre elas destacam-se a competência narrativa necessária em processos de seleção, preparação e comunicação da informação narrativa e a competência em informação que auxilia em processos de recuperação, apropriação e uso efetivo da informação (hiper)textual disponibilizadas em redes digitais (GERLIN, 2018).

pequenas comunidades de narradores fortalecidas pela cultura regional (BENJAMIN, 1996).

A era da informação é constituída pela cultura oral tanto quanto é alimentada pelo fortalecimento do movimento de conexão da sociedade em rede iniciado no final do século passado (CASTELLS, 2011), permitindo entender que a experiência no campo da contação de histórias requer o domínio de equipamentos eletrônicos e a utilização de ferramentas de conexão para o acesso à rede digital. Conquanto, não se pode desconsiderar o nível de desigualdade em termos de acesso às redes por parte dos sujeitos narradores que adotam práticas tradicionais no campo da oralidade, assim como compreende-se que existem grupos e populações de países inteiros que ainda se encontram à margem dos benefícios das tecnologias de escrita, informação e comunicação (CASTELLS, 2003).

Diante de um verdadeiro oásis em termos de acesso às tecnologias e informações disponibilizadas em grande escala, essa nova era não está livre dos problemas relacionados com a exclusão daqueles que são praticamente banidos de uma sociedade que anuncia o progresso das inovações tecnológicas e científicas. O acesso às redes de colaboração, anunciadas como uma estratégia para a inclusão digital, dependem da complexidade da rede colaborativa devido dificuldades na definição da coordenação de funções, na concentração dos recursos necessários e na realização de tarefas, assim como, percebem-se obstáculos ocasionados pela descentralização do poder nas estruturas de redes altamente centralizadas com um modelo ainda pautado na centralização das tarefas (BARAN, 1964; CASTELLS, 2003).

A conexão em redes de comunicações acompanha a constituição e a evolução da humanidade possibilitando a transmissão de informações oralmente que envolvem o compartilhamento de experiências artesanalmente e, em seguida, utilizando-se das tecnologias de escrita, informação e comunicação numa perspectiva extensiva (BENJAMIN, 1996; MARTELETO, 2001; SIMEÃO, 2006). De um lado a rede digital possibilita interatividade, flexibilidade e compartilhamento de informações por meio de processos colaborativos, por outro lado a rede social não depende de tecnologia e sim da interação dos seus atores desde que estejam se relacionando uns com os outros e compondo um modelo de comunicação interativo (UGARTE, 2008). No entanto, os sujeitos

contemporâneos necessitam cada vez mais ampliar a capacidade de relacionamento e as possíveis trocas de experiências por meio de práticas inclusivas viabilizadas pelos recursos da Internet.

Essa estrutura de relacionamento passa a ser definida por dois elementos na sociedade contemporânea. Primeiro por atores em diferentes grupos e territórios de atuação e, em seguida, pelos nós de ampliação das conexões das redes devido ao uso de ferramentas tecnológicas. Com os avanços em termos de uso e acesso à informação proporcionados pela web, nesse ambiente de uso e interação da Internet, os narradores podem criar páginas web, blogs, canais no Youtube, grupos de WhatsApp, perfis no Facebook e em outros ambientes de geração de conteúdos e divulgação da narrativa oral.

A rede de comunicação na contemporaneidade se constitui como uma estrutura de conexão digital, disseminação da informação e organização do conhecimento humano ganhando força em várias camadas da sociedade e organizações, devido apresentar uma certa flexibilidade e adaptabilidade na sua estrutura ao contar com as novas tecnologias que permitem a distribuição da informação em escala global, conforme expõe Castells (2003). Embora seja praticamente impossível mapear todos os formatos de conexões existentes e a sua evolução individualmente, destacam-se dois tipos de categorias de redes fortalecidas pelas mídias sociais: ambientes de redes sociais e ambientes de conteúdo gerado pelo usuário de informação (VAN DIJCK, 2013).

Os ambientes de redes sociais fortalecem a criação de laços fracos e fortes em processos que promovem categorias de relacionamentos perante “[...] o contato interpessoal, seja entre indivíduos ou grupos; eles estabelecem conexões pessoais, profissionais ou geográficas e incentivam laços fracos. Alguns exemplos são: Facebook, Twitter, LinkedIn, Google e Foursquare” (VAN DIJCK, 2013, p. 8)<sup>6</sup>. O ator social, nesse sentido, é responsável pelo estabelecimento de laços em suas redes sociais (MATHEUS; SILVA, 2006).

Uma segunda categoria diz respeito aos ambientes de conteúdos gerados pelo usuário que “[...] apoiam a criatividade, possibilitam atividades culturais e promovem a troca de conteúdo amador ou profissional [... como] o YouTube,

---

<sup>6</sup> “[...] promote interpersonal contact, whether between individuals or groups; they forge personal, professional, or geographical connections and encourage weak ties. Examples are Facebook, Twitter, LinkedIn, Google+, and Foursquare” (VAN DIJCK, 2013, p. 8)”.

Flickr, Myspace, GarageBand e Wikipedia” (VAN DIJCK, 2013, p. 8)<sup>7</sup>. Perante a colocação de que laços fracos se constituem por relações limitadas e com menor profundidade afetiva, “Esse conceito está intimamente associado ao fluxo da informação dentro das organizações e, por definição, seu uso carece de sentido em vínculo sociais mais fortes, como em relações multiplexas e de influência” (JOHNSON, 2011, p. 59).

Os laços fortes caracterizam certa intimidade por conta da proximidade e intencionalidade da criação e da manutenção da conexão, enquanto que os laços fracos acabam constituindo relações esparsas que não configuram proximidade e intimidade (RECUERO, 2009). A criação de laços sociais “*multiplexos*” depende da sobreposição e correspondência entre redes distintas de amizade, trabalho e de outras naturezas. Em particular “A natureza dessas sobreposições é de grande interesse pragmático, uma vez que pode indicar as capacidades inerentes de atores individuais dentro dos sistemas e também tem importantes implicações para a compreensão dos sistemas sociais” (JOHNSON, 2011, p. 57). Logo, compreende-se que o nível de participação em redes de relacionamento profissionais tende a se fortalecer com a transição do campo da amizade para o profissional e, por consequência, com a expansão e o fortalecimento das conexões em redes híbridas de uma maneira geral.

Existem várias possibilidades de análises para um laço social, sendo a medição da frequência dos encontros, a intensidade e o apoio mútuo entre os atores algumas delas, assim como a observação das relações de trabalho, amizade e outras que ganham visibilidade no momento em que esses laços são caracterizados como fortes ou fracos, constituindo-se como uma estrutura híbrida de comunicação em contato com uma variedade de sujeitos conectados em estruturas sociais (HIGGINS; RIBEIRO, 2018). Por menor que seja a viabilização da conexão dos narradores com seus pares, público e colaboradores, a navegação no ambiente do ciberespaço fortalece vários tipos de relacionamentos e, em um movimento de relacionamento e/ou produção de conteúdos, criam-se laços sociais (fracos e fortes) fortalecidos por meio das conexões que podem ser definidas pelo resultado das interações que as

---

<sup>7</sup> “[...] they support creativity, foreground cultural activity, and promote the exchange of amateur or professional content. Well-known UGC sites are YouTube, Flickr, Myspace, GarageBand, and Wikipedia” (VAN DIJCK, 2013, p. 8)”.



constituem. “Em termos gerais, as conexões em uma rede social são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009, p. 30).

Essas conexões acontecem na esfera da comunicação virtual possibilitada pelo ambiente da Internet e, em outros momentos, acontecem no espaço presencial sendo indispensáveis para a sobrevivência em uma sociedade conectada por redes. A comunicação nesses ambientes acontece de maneira síncrona com resposta imediata ou quase imediata como quando os sujeitos encontram-se *online* ao utilizarem a ferramenta de comunicação do WhatsApp por exemplo, estimulando a comunicação em tempo real e, por outro lado, podendo fortalecer processos de comunicação de maneira assíncrona, ou seja, sem resposta imediata como no caso das mensagens enviadas por e-mail.

O processo de interação nos ambientes de comunicação seja de maneira síncrona ou assíncrona depende da reciprocidade entre os sujeitos e seus pares, podendo, numa determinada relação social, haver a criação de laços assimétricos ou simétricos no contexto presencial, virtual e/ou híbrido. A relação dos laços assimétricos consiste no fato de que um dos atores se aproxima de outro que não o corresponde com a mesma intensidade. No momento em que o sujeito é correspondido com a mesma intensidade, a relação ganhará força para ambos culminando em laços simétricos (RECUERO, 2009).

Os laços sociais dos narradores de histórias profissionais (simétricos e/ou assimétricos) são fortalecidos pela constituição de uma prática em ambientes presenciais, porém não se pode desconsiderar que pouco a pouco esse profissional eleva a sua arte no contexto do ciberespaço. O processo de comunicação entre esses atores pode ocorrer em mídias sociais como blogs, wikis, redes de relacionamento e outras anteriormente citadas. Destaca-se a importância de relações/diálogos que incentivem laços relacionais simétricos, ações inventivas e cooperativas mediadas ou não pelo computador ou outro equipamento eletrônico conectado em rede digitais (GERLIN, 2018).

A oralidade se fortalece no ciberespaço com o uso de recursos tecnológicos que facilitam as conexões com outros atores sociais, viabilizando a reinvenção de um espaço em que se “Desenha e redesenha várias vezes a figura de um labirinto móvel, em expansão, sem plano possível, universal [...] desprovida de significado central, esse sistema de desordem, essa

transparência labiríntica" (LÉVY, 2010, p. 113). Desse modo, o narrador contemporâneo faz uso da tecnologia de informação ao mesmo tempo em que é influenciado pelos meios de comunicação extensiva que o cerca podendo estender a sua arte para o espaço virtual (SIMEÃO, 2006).

As redes sociais encontram-se cada vez mais conectadas digitalmente em um "*labirinto móvel*", tornando-se uma estrutura de comunicação que acolhe bilhões de sujeitos no mundo inteiro e permitindo que possam interagir com mídias sociais disponibilizadas por meio das ferramentas tecnológicas da Web 2.0 (VAN DIJCK, 2013). Por conseguinte, pode-se esperar que os grupos centralizados altamente densos e relativamente isolados "[...] tenham altos níveis de conhecimento tácito, ao passo que o pertencimento a vários grupos seja crucial para compartilhar conhecimentos e lograr perspectiva comuns na organização como um todo" (JOHNSON, 2011, p. 79).

Os avanços trazidos pela Web 2.0 não podem ser desconsiderados devido conduzir a um processo de utilização de ferramentas tecnológicas com a finalidade de produzir e divulgar produtos e serviços dos narradores contemporâneos no espaço virtual. Para tanto, o delineamento das redes (des)centralizadas e distribuídas oportunizam colocar em questão estruturas de relacionamentos em grupos constituídos no espaço presencial, virtual e/ou híbrido (este último virtual e presencial ao mesmo tempo). Devido a intensificação do uso dos recursos de comunicação, a narrativa oral é difundida com o auxílio das mídias sociais, sendo potencializada pela Web 2.0 que torna possível a criação e o compartilhamento de conteúdos em espaços tempos presenciais e no ciberespaço (MCGARRY, 1999; VAN DIJCK, 2013). De maneira geral, um vídeo com uma narrativa disponibilizado na Internet pode atingir uma variedade de sujeitos no contexto desse ambiente e em espaços presenciais, momento no qual esse profissional atua em territórios híbridos demarcados pela virtualidade.

No espaço virtual a informação alcança um ambiente globalizado em termos de redes sociais e de conteúdo gerado pelo próprio usuário ao utilizar "Grandes e influentes plataformas, como Facebook, Twitter, YouTube e LinkedIn, [que] explodiram em termos de usuários e potencial de monetização, além de

inúmeros sites menores sem fins lucrativos” (VAN DIJCK, 2013, p. 4)<sup>8</sup>. Para McGarry (1999), a oralidade marca o princípio da organização do conhecimento humano, constituindo-se como um elo para a transmissão do conhecimento, compartilhamento de informação e apropriação das tecnologias de escrita, comunicação e informação. A comunicação e a produção de conhecimento mediada pelos equipamentos eletrônicos conectados em redes digitais na Internet, proporcionam o compartilhamento da informação multimodal, promovendo igualmente processos de interação de grupos sociais de narradores em tempo real no ciberespaço e em espaços presenciais.

O cenário apresentado conduz ao processo de ARS que se constitui como um conjunto de métodos quantitativos e qualitativos com medidas específicas para análise de grafos, partindo das perspectivas de estudos sistemáticos ao permitir uma exploração da representação dos relacionamentos dos narradores de histórias em espaços híbridos (HIGGINS; RIBEIRO, 2018; RECUERO, 2019). “A diferença fundamental da ARS para outros estudos é que a ênfase não é nos atributos (características) dos atores, mas nas ligações entre os elos; ou seja, a unidade de observação é composta pelo conjunto de atores e seus laços” (MATHEUS; SILVA, 2006, p. 1).

As composições das redes identificadas em ambientes de comunicação social são representadas por meio de desenhos denominados como topologias, permitindo entender os elementos presentes nas redes de comunicação dos narradores de histórias. Adianta-se que a topologia é um tipo de geometria de expansão significativa com diversos contornos em análises de redes sociais (HIGGINS; RIBEIRO, 2018). A ARS como ferramenta metodológica, especialmente na CI, apropria-se dessa representação de forma elucidativa na próxima seção para fins de entendimento em seus aspectos teóricos metodológicos destinados à aplicação nesta pesquisa.

---

<sup>8</sup> “Large and influential platforms such as Facebook, Twitter, YouTube, and LinkedIn exploded in terms of users and monetizing potential, alongside countless smaller profit and nonprofit sites (VAN DIJCK, 2013, p. 4)”.

### 3 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

As redes de relacionamentos proporcionam a interação dos contadores de histórias, concebidas, muitas vezes, de forma centralizada, porém, ainda assim, representando a constituição de um movimento importante de cooperação nos moldes propostos para os processos de comunicação e transmissão da informação narrativa em territórios de atuação, cursos de extensão, órgãos de cultura, educação e outras instituições públicas e privadas (BUSATTO, 2011). As conexões efetivam-se em redes centralizadas, descentralizadas e, em alguns momentos, distribuídas permitindo identificar elementos para a análise da colaboração e a cooperação do grupo de narradores (BARAN, 1964; RECUERO, 2009).

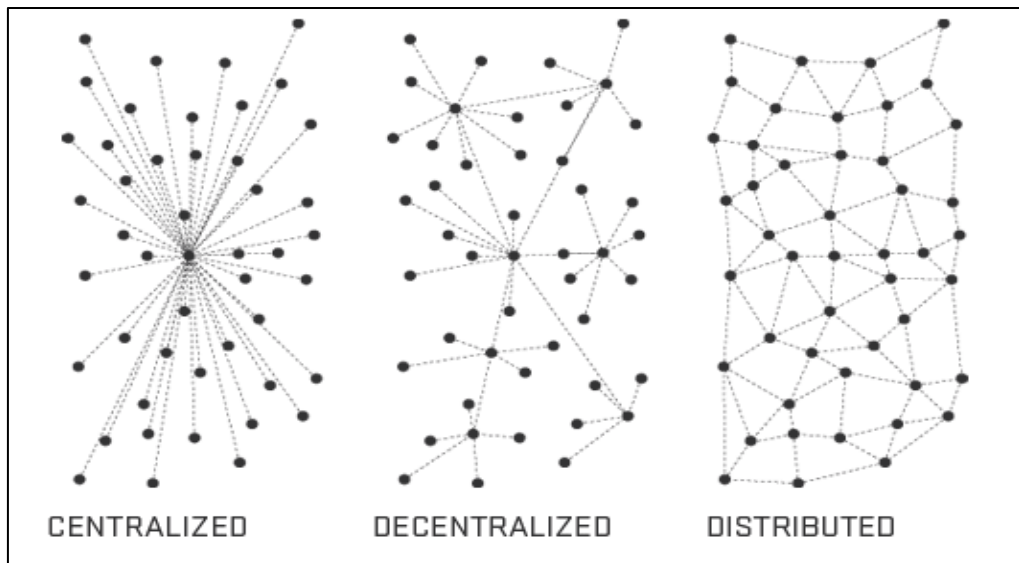
A representação de três topologias de redes é trazida junto a uma importante constatação: as conexões se configuram como centralizadas, descentralizadas e distribuídas (Figura 1) não devendo, entretanto, classificá-las de maneira inflexível a exemplo desses modelos, mesmo ao compreender que a estrutura centralizada ainda seja predominante no século XXI. Compreende-se que “A rede centralizada é vulnerável de tal forma que a destruição de um nó central elimina a comunicação entre estações terminais” (BARAN, 1964, p. 1)<sup>9</sup>, requerendo focar o potencial das ferramentas de conexão e transmissão que, por sua vez, devem fornecer um serviço acessível mediante a apresentação de topologias que reflitam modelos potentes de estruturas de comunicação.

A estrutura de comunicação fortalecida pelas conexões dos narradores contemporâneos tende a proporcionar uma participação diferenciada e criativa em processos de produção e compartilhamento das informações relacionadas com a prática da contação de histórias. Em vista do exposto, justifica-se a apresentação de uma estratégia de análise de redes que gira em torno das transformações dos espaços tempos em híbridos, mudando os contornos das redes de relacionamentos e culminando na identificação de laços fracos e fortes que ampliam os contatos profissionais e humanos desses atores sociais.

---

<sup>9</sup> “The centralized network is obviously vulnerable as destruction of a single central node destroys communication between the end stations”.

**Figura 1** – Topologias das redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas



Fonte: Baran (1964).

Acrescenta-se a isso, o interesse da Ciência da Informação em pesquisas que investigam as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o seu fluxo, e os meios de processá-la para melhorar a sua acessibilidade e uso em contexto social, institucional ou individual frente a alguma necessidade de informação (BORKO, 1968; SARACEVIC, 1996). Nesse sentido, tem-se na ARS um instrumento de pesquisa estratégico para a compreensão comportamental de seus atores e de suas interações em ambiente híbrido a partir de medidas e métricas que buscam desvelar padrões nas propriedades estruturais de suas redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas.

A ARS ganha espaço como campo de pesquisa em diferentes domínios do conhecimento, especialmente em aspectos metodológicos voltados aos estudos sobre problemas informacionais na sociedade e a compreensão de fenômenos relacionados à estrutura de redes sociais em ambiência digital (RECUERO, 2017; MARTELETO, 2018). Sendo uma abordagem oriunda da Sociologia, da Psicologia Social e da Antropologia (FREEMAN, 1996), encontra na CI um forte interesse no uso da metodologia, especialmente ao final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, estando associado ao avanço e à disponibilidade cada vez mais frequente das tecnologias de informação e comunicação na sociedade contemporânea.

Segundo revisão de literatura em CI (MARTELETO, 2001; OTTE; ROUSSEAU, 2002; MARTELETO; TOMAÉL, 2005; TOMAÉL; MARTELETO, 2006; MATHEUS; SILVA, 2006; SILVA *et al.*, 2006; NININ *et al.*, 2015; FERREIRA; ALVARES; MARTINS, 2017; MARTINS, 2017; MARTELETO, 2018), a abordagem da metodologia de ARS pode ajudar os cientistas da informação em ações de análise e modelagem de redes a partir de amostras de dados em variados contextos informacionais e sociais, destacando estudos sobre produção do conhecimento na Internet (Webometria); análise bibliométricas (incluindo citações) com padrões de análises estruturais e dinâmicos; redes de conhecimento entre pesquisadores (cientometria) e entre especialistas dentro de uma organização; comunidades de práticas; relações interpessoais e ações colaborativas; estudos de usos e usuários; mediações de variadas formas que se fazem nos processos de produção, circulação e transferência de informações; e análise de posições e interações entre sujeitos envolvidos em redes sociais. A presente pesquisa encontra-se situada nessa última abordagem.

Nessa perspectiva, a CI e outras áreas interessadas na evidência de padrões de relacionamento, que emergem de estruturas de informação em rede situadas em espaços presenciais ou virtuais, vêm adotando princípios teóricos e metodológicos acerca da ARS, juntamente às métricas que lhe são peculiares, endereçados à análise em profundidade de nós que podem compor uma rede, além de seus vínculos relacionais e fluxos de informação. Vários estudos de natureza transdisciplinar integram um paradigma de pesquisa que define o campo da ARS como sendo: i) referenciado numa perspectiva estrutural baseada em laços interligando atores sociais; ii) fundamentado em dados empíricos sistematizados (normalmente em matrizes sociais); iii) representado visualmente por grafos gerados a partir de matrizes de dados; e iv) dependente do emprego de medidas a partir de modelos matemáticos, incluindo a teoria dos grafos, e estatísticos (MARTELETO, 2018).

A teoria dos grafos utiliza-se de matrizes adjacentes (HIGGINS; RIBEIRO, 2018) para representação dos dados acerca do espaço de relações mapeado entre os atores de um grupo social investigado a fim de que um grafo (ou uma rede estruturada) possa ser gerado. Nessas matrizes, são registradas nas linhas e nas colunas informações básicas de nós e de suas relações, o que redundaria

em coleções de pares ordenados. Em outras palavras, nas linhas e colunas registram-se os rótulos (nomes) dos atores da rede, e nos vértices registram-se as respectivas relações. De acordo com Higgins e Ribeiro (2018), nos estudos sobre sistemas sociais, as relações são interpretadas como variáveis aleatórias definidas como “0” ou “1”. Desse modo, em uma matriz sociométrica quando ocorre um vértice cujo valor é “1”, significa que há uma relação vinculante entre os dois nós respectivos. Quando o valor é “0”, significa que não há relação vinculante.

Assim, a metodologia de ARS permite analisar e representar graficamente o comportamento de atores sociais com o uso da teoria dos grafos como instrumento metodológico de visualização e modelagem de interações (denominadas propriedades diádicas). Segundo Higgins e Ribeiro (2018), o sociograma, uma técnica sociométrica, pode ser considerada precursora dos atuais recursos de desenho topológico usados em diversas ferramentas computacionais disponíveis para este fim. Tais ferramentas, como o Ucinet e o Pajek, permitem processar as informações diádicas e dos nodos (atores) coletadas, podendo, ainda, agregar a esses últimos, informações no formato de atributos, como no contexto da presente pesquisa em que atributos foram definidos para caracterizar os narradores contemporâneos, a saber: territórios de atuação, profissões paralelas, remuneração e ligação profissional com a área de contação de história. Atributos são características que nos permitem identificar cada ator ou grupo de atores e, assim, diferenciá-los uns dos outros. Soma-se a isso, a possibilidade de se obter indicadores de rede, tanto para cada nó individualmente, um ator, quanto de forma conjunta, para toda a rede, destacando os indicadores de densidade e o de centralidade (WASSERMAN; FAUST, 1994; OTTE; ROUSSEAU, 2002; TOMAÉL; MARTELETO, 2006; RECUERO, 2017; HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

A densidade é um indicador para o nível geral de conexão da rede, apontando se a conectividade é baixa ou alta. Se cada nó estiver diretamente conectado a todos os outros nós, tem-se uma rede completa. A densidade de uma rede é definida pela proporção entre o número de relações existentes (tanto de entrada quanto de saída) e relações possíveis<sup>10</sup> em uma rede orientada (com

---

<sup>10</sup> Dada pela multiplicação do [número total de nós] pelo [número total de nós menos “1”], considerando que não se pode estabelecer relação consigo mesmo.

relações direcionais). Logo, o nível mais alto de densidade significa o quanto são mais densas as relações entre os atores da rede, dando maior chance de uma informação circular, por exemplo, além de facilitar o controle social (HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

A centralidade é um indicador que determina o quão central um ator está na rede, dada a condição de o mesmo se comunicar diretamente com outros atores, ou quão está próximo ou sendo intermediário (mediador) na relação com outros atores. Nesse caso, as medidas de centralidade mais importantes e discutidas na literatura (revisões e estudos exploratórios empíricos) sobre análise de redes sociais são: i) centralidade de grau (*degree centrality*); ii) centralidade de proximidade (*closeness centrality*); e iii) centralidade de intermediação (*betweenness centrality*).

A centralidade de grau de um nó é definida como o número de vínculos relacionais que esse nó possui, isto é, o número de atores ao qual um ator está diretamente ligado. Classifica-se em grau de entrada (*In-degree*) e grau de saída (*Out-degree*), dependendo da direção dos fluxos de informação. O grau de entrada é a soma das interações que os outros nós têm com o ator. Já o grau de saída é a soma das interações que os atores têm com os outros. Tomaél e Marteleto (2006) complementam assinalando que a medida indica o nível de comunicação de um ator na rede, podendo o mesmo ter prestígio na rede, no caso de receber muita informação (vínculos relacionais direcionados a ele), ou ser influente na medida em que procura outros atores na rede (alto grau de saída de vínculos relacionais).

A centralidade de proximidade de um nó é definida pela sua capacidade em se ligar a todos os atores de uma rede, evidenciando, assim, a sua distância em relação a outros nós. Higgins e Ribeiro (2018) definem distância (em sua forma abstrata e não convencional) como sendo o número de vínculos relacionais ou arcos que separam um nó de outro, sendo dada por  $d = 1$ , considerando um único laço. Nesse sentido, calcula-se contando todas as distâncias geodésicas (os caminhos mais curtos) de um ator para se ligar a outros nós. Otte e Rousseau (2002) destacam que o aumento das distâncias geodésicas entre os atores, diminui a centralidade dos atores. Logo, quanto menor essa distância, mais próximo um ator encontra-se de todos os outros, o que mostra a sua capacidade de influência na rede (HIGGINS; RIBEIRO, 2018).



Assim, o índice de centralidade de proximidade de cada nó é o inverso, isto é, divide-se o valor de “1” pelo somatório dos geodésicos. Vale ressaltar que valores altos de proximidade indicam melhor capacidade de os nós se ligarem aos demais da rede. Do contrário, indica que o ator não se encontra bem posicionado na rede.

Por último, a centralidade de intermediação de um nó é definida pela sua capacidade em intermediar as comunicações entre pares de nós, considerando a sua posição geodésica entre outros pares de atores na rede. Segundo Tomaél e Marteleto (2006), mesmo que um ator tenha poucos contatos diretos na rede, pode exercer um papel importante como mediador da informação, obtendo poder em controlar as informações que transitam na rede. Higgins e Ribeiro (2018) complementam destacando que a ação de intermediar reflete a capacidade de facilitar ou obstruir fluxos de informação na rede. A centralidade de intermediação, portanto, analisa o quanto um nó está no caminho geodésico entre outros nós.

A obtenção de informações quantitativas a partir de medidas e métricas em redes sociais ajuda no entendimento de como as conexões se estabelecem dentro de estruturas em rede, facilitando a visualização e, conseqüentemente, a análise acerca da comunicação e do compartilhamento de informação e conhecimento embutido nos fluxos que se configuram entre os atores nas redes sociais. Para esses, a posição em que ocupam na rede também vai permitir a compreensão da atuação e do papel que exercem como potenciais elos na execução de atividades e na mediação das trocas, facilitando o fluxo de informação na rede (SUGAHARA; VERGUEIRO, 2010; TOMAÉL; MARTELETO, 2006; MARTELETO, 2018). Silva et al. (2006) ponderam, entretanto, que apesar de a metodologia de ARS agregar à CI em seus aspectos de métodos quantitativos, não se elimina a necessidade de uma análise qualitativa aprofundada acerca da natureza do fenômeno social investigado, baseada em princípios teóricos bem fundamentados e associada à compreensão dos resultados numéricos obtidos.

Nessa ótica, a CI pode contar com uma metodologia de pesquisa poderosa, abrangente e consolidada em várias áreas de conhecimento, destacando as vinculadas às Ciências Sociais (RECUERO, 2017; HIGGINS; RIBEIRO, 2018), que viabiliza, por meio de modelos matemáticos e estatísticos,

a análise de variados tipos de redes para qualquer número de nós, manipulando diversos atributos e indicadores que ajudam a compreender os fenômenos dos fluxos de informação envolvendo qualquer sujeito, grupo ou organização social. Finalmente, Martins (2011) assim como Marteleto (2018) assinalam que os princípios teóricos e metodológicos que sustentam a análise de redes sociais parecem ser de utilidade e interesse científico em diferentes áreas pela capacidade de sintetização de problemas complexos, envolvendo fenômenos sociais com características de interação e troca diversas por parte de seus atores.

#### **4 METODOLOGIA DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS PARA A COLETA E A ANÁLISE DOS DADOS**

Com base no objetivo desta investigação, o estudo exploratório e descritivo assume, em relação aos procedimentos, características de uma pesquisa bibliográfica com a meta de fundamentar conceitos como Redes Sociais, Narrativa Oral e ARS, podendo também ser classificado como explicativo por requerer elucidação acerca dos dados (resultados) obtidos por meio dos indicadores da ARS, conforme poderá ser observado na próxima seção<sup>11</sup> (GIL, 2009; RECUERO, 2017).

O estudo requisitou embasamento teórico por meio da pesquisa em publicações científicas (livros, periódicos, dentre outras) daquilo que fora publicado pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Bardin (2011) expõe que esse tipo de estratégia é a primeira atividade de uma pesquisa descritiva, consistindo em uma leitura flutuante, ou seja, um contato inicial com as informações necessárias à análise em processos investigativos e culminando no conhecimento de “textos e contextos” que forneçam possíveis orientações. De modo a fornecer sustentabilidade teórica à pesquisa, procedeu-se a um levantamento no campo da CI, utilizando-se o Portal de Periódicos da Capes para acesso a artigos científicos em bases de dados que contemplam análises

---

<sup>11</sup> O estudo exploratório voltado para a análise das redes sociais foi iniciado no decorrer do desenvolvimento da tese “No balanço das redes dos contadores de histórias: competência narrativa e competência em informação no século XXI” (GERLIN, 2015). O resultado desta pesquisa consolida-se perante a continuação do processo de investigação sobre o tema e pela constituição da parceria de pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

estatísticas de citações, de modo a embasar procedimentos metodológicos de seleção documental. As bases consultadas para a pesquisa bibliográfica foram: *Scielo*, *Library and Information Science Abstracts (LISA)* e Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI).

A coleta de dados foi realizada em um momento caracterizado como um estudo exploratório devido resultar em estratégias para a análise de redes sociais, possibilitado pela aplicação de um questionário com questões objetivas e pela observação realizada mediante ao estabelecimento de contatos, individuais e coletivos, em eventos e instituições em que os sujeitos atuam/atuaram. Os dados coletados foram consolidados por meio do levantamento das redes existentes, permitindo uma maior percepção acerca das estruturas de relacionamentos dos atores sociais. Ao longo do processo foram distribuídos 138 questionários para os narradores de histórias que possuem/possuíam algum tipo de ligação com a área da contação de história, sendo devidamente devolvidos 68 questionários (100%).

Durante o processo estabeleceu-se contato com bibliotecários, professores, atores e outros narradores de histórias autônomos que atuam ou atuaram em instituições públicas, privadas e com outras características. No que se refere à construção do instrumento e ao tratamento do material coletado destaca-se a contribuição recebida da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), resultando na interpretação dos dados por meio de procedimentos sistemáticos para abstrair a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção de categorias e indicadores.

A técnica apresentada por Bardin (2011) auxiliou na identificação dos temas que se fizeram relevantes no processo de categorização dos assuntos trabalhados, resultando na análise de categorias abstraídas do material coletado, auxiliando no processo de elaboração de um escopo com as informações relevantes do processo de categorização que culminaram na representação dos seguintes indicadores do questionário: (i) tipo de ligação com área da narrativa oral; (ii) territórios de atuação dos narradores profissionais; (iii) profissões desenvolvidas em paralelo com a prática da contação de histórias; (iv) profissionais remunerados e sem remuneração específica; (v) estrutura das conexão em redes sociais e, por fim, (vi) contornos dos desenhos das redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas conforme analisado a seguir.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA

Os indicadores do perfil profissional dos narradores contemporâneos permitem a verificação de que a maioria possui até 50 anos de idade (86,77%) e pertencem ao sexo feminino (89,70%), sem, com isso, desconsiderar a representatividade menor do sexo masculino (10,30%). No Estado do ES verifica-se que boa parte dos narradores de histórias iniciou a sua atividade no mesmo período (30,9%), o que repercutiu positivamente no cenário de atuação no início do século XXI. As ações no campo da oralidade no século XX foram desencadeadas por uma formação direcionada ao incentivo da leitura e transmissão da informação narrativa, tornando-se importante para o fortalecimento das práticas criadas em torno da contação de histórias. As atividades realizadas em parceria com instituições públicas e privadas, de dentro e de fora do Estado, contribuíram para o fortalecimento das habilidades e técnicas do narrador e, por conseguinte, para o fortalecimento da sua atuação em uma diversidade de espaços tempos que exigiram profissionalização.

Ao colocar em análise aspectos relacionados com a prática profissional do narrador no cenário espírito-santense, percebe-se que todos os sujeitos da pesquisa possuem algum tipo de ligação com essa área (100%), envolvendo-se diretamente com práticas principalmente por meio da oralidade. A maior parte do grupo exerce alguma atividade profissional no campo da narrativa oral (77,95%) e mais da metade desempenha atividades paralelas relacionadas com a contação de histórias (67,65%). Em termos do exercício de profissões paralelas à prática da contação de histórias, os narradores profissionais atuam ainda como: advogado; professor do ensino fundamental; professor da educação infantil; professor do ensino superior; bibliotecário escolar e em biblioteca pública; terapeuta; dentre outras ocupações.

A maior parte não recebe remuneração específica (67,65%) para atuar como narrador, contudo desenvolvem um trabalho fixo como contador de histórias em escolas, bibliotecas escolares, bibliotecas públicas, museus e outras instituições. Menos da metade enquadra-se na categoria de profissional remunerado autônomo (32,35%) atuando em territórios de educação e cultura esporadicamente. A atuação autônoma relaciona-se ao fato de o narrador não

estar ligado a um território de atuação ou instituição desempenhando uma profissão paralela, mesmo que desenvolva projetos em instituições sem fins lucrativos por exemplo. A autonomia proporcionada desdobra-se na capacidade de controlar os insumos utilizados para a implementação de ações e projetos no campo da contação de histórias.

Com isso, foram identificadas “outras ligações” como as de escritor (4,41%), produtor cultural (1,47%) e promotor cultural (1,47%) que de maneira geral podem ser visualizadas no campo das profissões paralelas. As atividades paralelas como ator, produtor cultural e educador são, muitas vezes, apontadas como consequência da arte artesanal de narrar (BENJAMIN, 1996). O cenário apresentado acerca dos indicadores do perfil profissional do sujeito narrador, delinea o estado da arte da atuação do contador de histórias no cenário espírito-santense. A atuação desse narrador pode ser representada por duas categorias: contador de histórias profissional remunerado autônomo e profissional sem remuneração específica. Atuando em eventos esporádicos e/ou tendo um compromisso de oferecer serviços e produtos em eventos regulares, deve ser considerado como um profissional que poderá estabelecer uma diversidade de ligações com a narração oral (Quadro 2).

**Quadro 2** – O estado da arte da atuação do contador de histórias contemporâneo

FORMAS DE ATUAÇÃO	TIPO DE LIGAÇÃO	CAMPO DE ATUAÇÃO
<b>Profissional remunerado autônomo</b>	Formador, narrador, pesquisador e voluntário	Atuação em eventos esporádicos em territórios de educação, informação e cultura
<b>Profissional sem remuneração específica</b>	Formador, narrador, pesquisador e voluntário	Atuação fixa em eventos regulares em territórios de educação, informação e cultura

**Fonte:** Produzido durante a realização da pesquisa.

Identifica-se o último nível de formação escolar ou acadêmica que os sujeitos narradores receberam em espaços formais de educação, compreendido entre o ensino fundamental e cursos de pós-graduação como especialização, mestrado e doutorado. Caso a investigação fosse conduzida em outros territórios de educação e cultura, talvez não fosse identificada a predominância da formação superior de graduação (30,88%) e de pós-graduação (61,76%). Diversas instituições foram apontadas como viabilizadoras de eventos de

formações, destacando-se, por conseguinte, igrejas, faculdades, bibliotecas públicas, universidades, secretarias de educação e cultura, programas de leitura, entre outras.

A maioria sofreu a influência de narradores da tradição oral (75%), apresentando, porém, características distintas do narrador tradicional de culturas orais. Mesmo tendo herdado traços da tradição oral, buscam formação em cursos, oficinas e outros eventos presenciais (45,58%) e navegam no ciberespaço (63,24%). Entre os espaços que oferecem atividades de formação voltadas para a profissionalização do narrador, destacam-se a escola (35,29%) e a Universidade (47,05%) devido oferecerem atividades de extensão para a sua formação.

Em se tratando das estruturas de conexões, uma boa parte dos narradores participa de redes sociais voltadas ou não para a área da narrativa oral, sendo bastante destacada a utilização das redes de relacionamentos como o Facebook possibilitada perante o acesso à Internet. Os contadores de histórias pouco participam de redes presenciais (79,41%) caracterizadas como comunidades de aprendizagens voltadas para a arte de narrar, ao mesmo tempo em que também não sinalizam participação em rede virtual (79,41%) direcionada para a contação histórias. Uma parcela menor registrou participação em redes sociais voltadas para a narrativa oral presencialmente (19,12%) e virtualmente (17,65%).

Diante da constatação de que a maior parte do grupo não participa de redes presenciais (79,41%) e virtuais (79,41%) voltadas especificamente para os temas de sua profissão, cabe pensar em estratégias que possam incentivar a participação do narrador de histórias em estruturas de relacionamentos voltadas para a sua área de atuação. Porém, não se pode desconsiderar que uma parcela significativa (60,30%) se encontra conectada às redes de amizades e outras redes digitais de comunicação e produção da informação narrativa (mesmo que não considerem que sejam utilizadas com esse fim) (MCGARRY, 1999).

As conexões em redes presenciais são apontadas como importantes para auxiliar o narrador na busca por formações de maneira mais autônoma, de modo a culminar em processos de formação contínua. Esse sujeito social navega em redes digitais utilizando a Internet para buscar e recuperar informações (95,58%), tendo mais da metade recebido a contribuição do espaço virtual no

seu processo de formação (63,24%). Ainda assim, uma pequena parcela se considera competente para gerir com habilidades a sua atividade cultural no ciberespaço (14,70%).

A maioria (88,24%) julga significativo o acesso às redes digitais e menos da metade (35,29%) avalia como sendo mais importantes para melhorar a sua prática narrativa. Uma parcela menor (26,47%) aponta igualmente a importância desse tipo de acesso para contribuir, divulgar, legitimar e melhorar a sua prática na contemporaneidade. Os diálogos estabelecidos com os atores sociais (representados pelos nós ou nodos da rede) encaminham para uma análise das conexões em espaços de atuação e aprendizagens formais e informais dos contadores de histórias e, nesse sentido, permitem apontar para uma verificação de como elas se sobrepõem.

## **5.1 Procedimentos metodológicos para ARS**

Os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos dados das redes sociais dos narradores de histórias espírito-santenses são oriundos da ARS, conforme se teceu considerações acerca de sua aplicabilidade como método científico nas Ciências Sociais, em especial na CI, em seção específica. A escolha da metodologia justifica-se pela sua capacidade em ofertar métricas e indicadores que, combinados com instrumentos da metodologia qualitativa, dão condições de desvelar padrões comportamentais de grupos de atores na rede, bem como a influência desses atores nos processos de mediação, transferência e apropriação da informação na comunidade investigada.

As etapas que constituíram o arranjo da ARS nesta pesquisa foram: i) identificação dos atores das redes sociais dos narradores de história do estado do Espírito Santo; ii) exame do fluxo de informação das redes dessas comunidades; e iii) análise e tratamento dos dados sobre o grupo social investigado, utilizando-se de matrizes, tabelas e grafos para processamento e visualização dos dados e dos sociogramas resultantes.

As etapas (i) e (ii) tiveram como base o estabelecimento das interações dos atores da pesquisa, sendo identificadas numericamente como se seguem. De **1 até 25** identificam-se narradores mapeados em vários territórios de atuação

públicas, privadas e autônomos. De **26 até 45** identificam-se contadores de histórias que atuam na Rede de Ensino Particular. De **46 até 52** identificam-se nós que representam narradores que atuam na sala de aula. E de **53 até 68** em bibliotecas escolares da Rede de Ensino Pública. Assim sendo, a Rede de Contação de Histórias deste estudo é constituída por **68** atores e nessa Rede estão presentes **213** interações entre os atores, frente a um universo de **4556** relações possíveis. Essas interações se formam a partir de atores que possuem papel de emissor ou receptor de informação, ou ambos.

A etapa (iii), associada à análise e tratamento dos dados, contou com o *software* Ucinet (versão 6.586)<sup>12</sup>, uma ferramenta amplamente utilizada por analistas de redes sociais, com vários casos de uso na literatura que refletem contextos sociais, institucionais ou individuais. Por ser uma ferramenta que se cobra preços diferenciados por tipo de licença do programa, fez-se uso de uma versão para testes disponível em seu sítio (ALEJANDRO; NORMAN, 2006). Junto à ferramenta é disponibilizado o *software* NetDraw (versão 2.155), utilizado para criar representações da rede em sociogramas. As ações nas ferramentas podem ser assim sintetizadas: criar os atores e seus atributos, inserir os dados relacionais (vínculos e fluxos), visualizar os sociogramas e calcular as métricas dos indicadores previstos na pesquisa.

A primeira ação no Ucinet consistiu em criar uma matriz de adjacência a partir dos dados coletados e interpretados nas etapas (i) e (ii). Desse modo, precisou-se adequar a dimensão da matriz ao tamanho da rede, qual seja 68 x 68 nodos, sendo 68 linhas e 68 colunas (matriz do tipo quadrada). O próximo passo foi preencher para cada laço entre as díades da rede, valores binários de “0”, representando a ausência, e “1”, representando a presença do vínculo relacional. Vale ressaltar que a diagonal da matriz foi preenchida com “0” devido ao fato de não ocorrer relacionamento entre os mesmos nós, como, por exemplo, em <A1, A1>, <A2, A2>, e assim sucessivamente. A partir do preenchimento dos vínculos relacionais, tornou-se possível representar, concomitante, os fluxos de informação que se configuraram em unidirecionais (como exemplo na pesquisa, A1 se interage com A9, mas A9 não interage com A1), ou bidirecionais (como exemplo na pesquisa, A8 se interage com A9 e vice versa). E quando um ator

---

<sup>12</sup> UCINET Software. Disponível em: <<http://www.analytictech.com/Ucinet/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.



não estabelece nenhum tipo de fluxo, o que representa a ausência de vínculos, considera-se que o nó está solto na rede, fato este não ocorrido na pesquisa.

A segunda ação consistiu em representar características específicas dos atores ou grupos de atores na rede de narradores de histórias por meio do que se denominam de atributos, características que permitem identificar cada ator ou grupo de atores e, assim, diferenciá-los uns dos outros. Os atributos considerados na pesquisa foram os seguintes: territórios de atuação do contador de histórias; profissões paralelas à área da contação de histórias; e tipo de ligação com a área da narração de histórias. Para cada um deles, foi atribuído um conjunto de valores numéricos de modo a registrá-los numa outra matriz de dados (de dimensão 68 x 3) contendo o mesmo número de atores nas linhas (68) e respectivos atributos em colunas (3). Assim, para cada par ordenado <ator, atributo> na matriz foi atribuído um valor numérico correspondente. O Quadro 1 apresenta os valores possíveis para cada atributo da pesquisa.

**Quadro 1** – Valores pré-estabelecidos para os atributos da pesquisa

<b>Atributos</b>	<b>Valores</b>
Territórios de atuação	1-Autônomo; 2-Municipal de Vitória; 3-Rede de Ensino Privada; 4-Mala Produções; 5-Mucane; 6-PMC; 7-PMDM; 8-PMUM; 9-PMV; 10-PM Viana; 11-PMVV; 12-Projeto Colorir; 13-UFES
Profissões paralelas	1-Advogado; 2-Bibliotecário; 3-Escritor; 4-Pedagogo; 5-Professor; 6-Terapeuta
Tipo de ligação	1-Profissional autônomo remunerado; 2-Profissional sem remuneração

**Fonte:** Produzido durante a realização da pesquisa.

A terceira ação consistiu em gerar os sociogramas por meio do *software* NetDraw, tendo as matrizes construídas previamente no Ucinet como pano de fundo. Considerou-se, portanto, tanto a rede dos contadores de histórias em geral (primeira matriz de dados criada) quanto a rede de contadores com agregação dos atributos territórios de atuação, profissões paralelas e tipo de ligação (segunda matriz de dados criada). Vale ressaltar que ambas as matrizes permanecem integradas nas ferramentas na medida em que a análise dos nodos a partir de seus atributos seja sempre em função da rede principal.

Finalmente, após a visualização dos desenhos das redes, a quarta ação consistiu em calcular no Ucinet as métricas relacionadas aos indicadores de rede de interesse da pesquisa, a saber: densidade e centralidade, incluindo a centralidade de grau, a centralidade de proximidade e a centralidade de intermediação. Assim, tornou-se possível compreender e tirar conclusões a respeito das estruturas das redes dos narradores contemporâneos do estado do ES bem como de seus atores individualmente no que diz respeito a vieses comportamentais.

Os vínculos dos narradores com os grupos sociais com os quais atuam e, por conseguinte, os laços (associativo, dialógico, fraco, forte, etc.) são constituídos nas instituições com as quais estão comumente ligados em eventos esporádicos ou regulares. As conexões refletem aspectos da formação e atuação de um trabalho profissional, conduzindo-os a uma estrutura de relacionamento “multiplexa” e a participação em diferentes grupos formados nos seus territórios de atuação. De maneira geral, os laços sociais dos sujeitos da pesquisa são denominados como “multiplexos” (RECUERO, 2009; JOHNSON, 2011), tendo em vista que a participação do contador de histórias consiste em estruturas de relacionamento com amigos e, em menor grau, com profissionais. “O grau de multiplexidade tem sido vinculado a tópicos como a intimidade dos relacionamentos, sua estabilidade ao longo do tempo, a redução da incerteza, o status, o grau de controle de uma ‘panelinha’ [dos grupos fechados] sobre seus membros” (JOHNSON, 2011, p. 58).

A análise do contexto do trabalho e, com isso, das relações visualizadas na representação dos nodos da rede refletem o elo existente entre seus atores. Junto aos dados desses indicadores percebe-se um movimento de profissionalização em espaços tempos de informação, educação e cultura ao final do século XX, possibilitando dividir os narradores de histórias em duas categorias: profissional remunerado autônomo (32,35%) e profissional sem remuneração específica (67,65%). A representação dessas duas categorias de profissionais é importante para pensar o perfil desse profissional que se conecta com seus pares, colaboradores e público alvo em redes de colaboração e, ao mesmo tempo, permite refletir que “A análise de redes não se constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo o objetivo é

mostrar em que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados” (MARTELETO, 2001, p. 72).

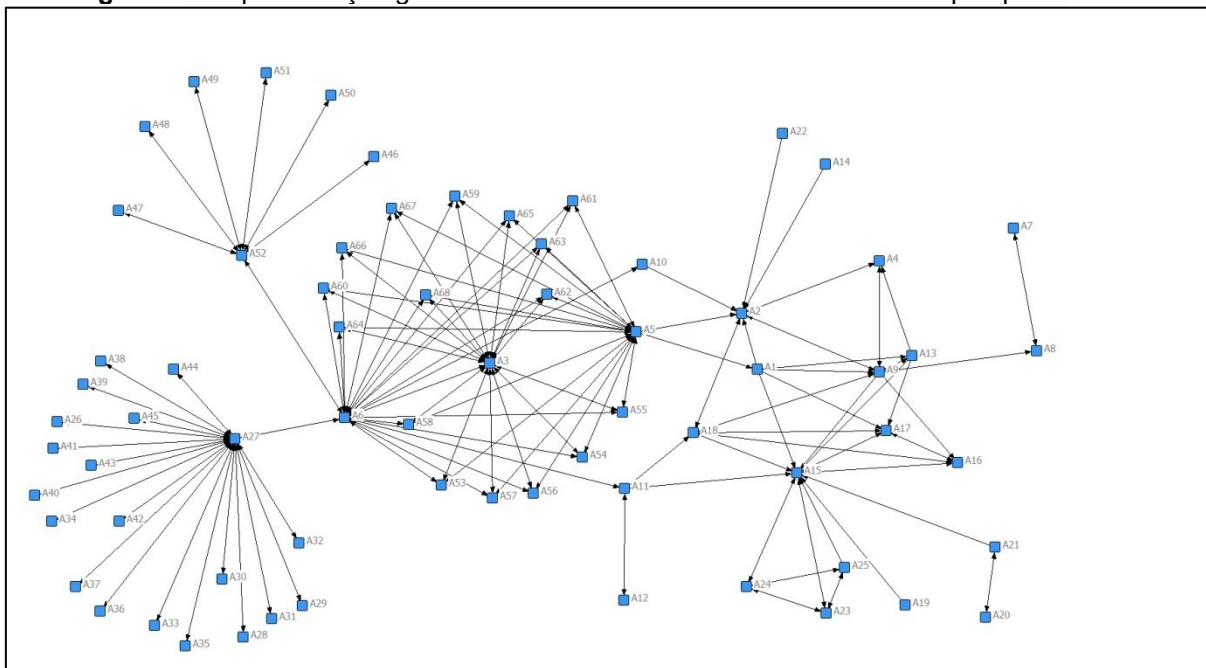
## **5.2 As conexões dos narradores contemporâneos com base na ARS**

Os resultados da ARS dos narradores contemporâneos se apresentam num primeiro momento (seção 5.1.1) nas visualizações e discussões acerca dos sociogramas produzidos na pesquisa: a rede social dos contadores de histórias e suas derivações a partir dos atributos que a caracterizaram. Num segundo momento (seção 5.1.2), partiu-se para a apresentação da análise e interpretação dos indicadores de rede determinados na pesquisa: o indicador de densidade e o de centralidade, incluindo as medidas de grau, de proximidade e de intermediação.

### **5.2.1 Sociogramas da pesquisa e seus atributos**

A representação gráfica da rede dos contadores de histórias (Figura 2) dá forma ao desenho das conexões dos atores sociais no cenário espírito-santense. Cabe colocar que os nós mapeados são elementos importantes para a visualização de movimentos que se conformam nessa representação e, acima de tudo, sobre a estrutura da rede dos narradores da pesquisa. O termo “rede” acaba sendo adotado para designar um conjunto de nós que se representam e se conformam perante a dimensão das relações de tipos de laços sociais específicos (JOHNSON, 2011), o que também se denomina por sociograma (HIGGINS; RIBEIRO, 2018).

**Figura 2** – Representação gráfica da rede dos contadores de histórias da pesquisa.



**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.

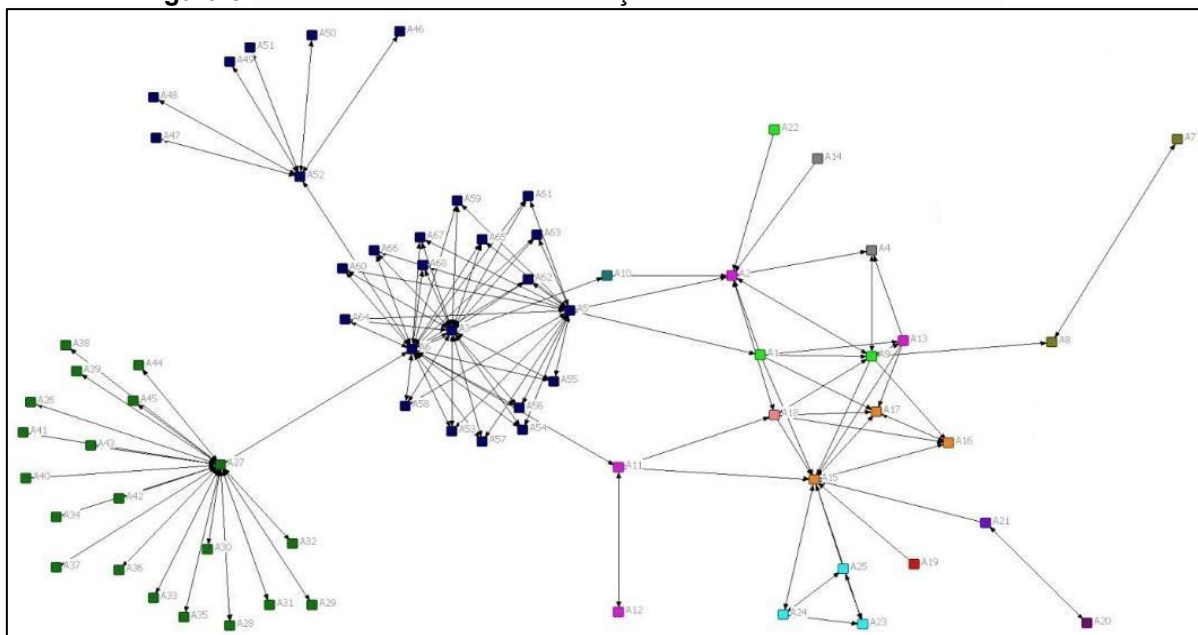
**Nota:** Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Por meio da visualização das relações sociais dos contadores de histórias identificam-se conexões que em alguns momentos apresentam-se como centralizadas (lado esquerdo da rede), descentralizadas (lado direito da rede) e, em outros momentos, assumem o formato de uma rede distribuída (centro da rede). Nesse sentido remete-se ao estudo que fora elaborado por Baran (1964), referente ao desenho das redes centralizadas, descentralizadas e distribuídas. Esse autor contribui com a possibilidade de pensar a análise de uma rede que de certa forma assuma variados tipos de composições.

A proposição de uma estrutura de rede que possa fortalecer a estrutura de colaboração entre os narradores e outros sujeitos, requer entender minimamente como as conexões desses atores é desenhada. Algumas possibilidades de análise tornaram possível identificar como as relações sociais são estabelecidas nos diversos territórios de atuação da prática narrativa. As unidades sociais que ligam em grupos os contadores de histórias, baseiam-se no fato que eles fizeram a indicação dos narradores que deveriam fazer parte da pesquisa, no início para participar das ações propostas e, posteriormente, para estender como a sua atuação nos territórios pôde ser compreendida dentro de um coletivo. Os campos representados por cores tornam-se parâmetros de

observação do atributo dos territórios de atuação devidamente identificados nos nós da rede (Figura 3).

**Figura 3** – Atributo de territórios de atuação dos contadores de histórias.



**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.

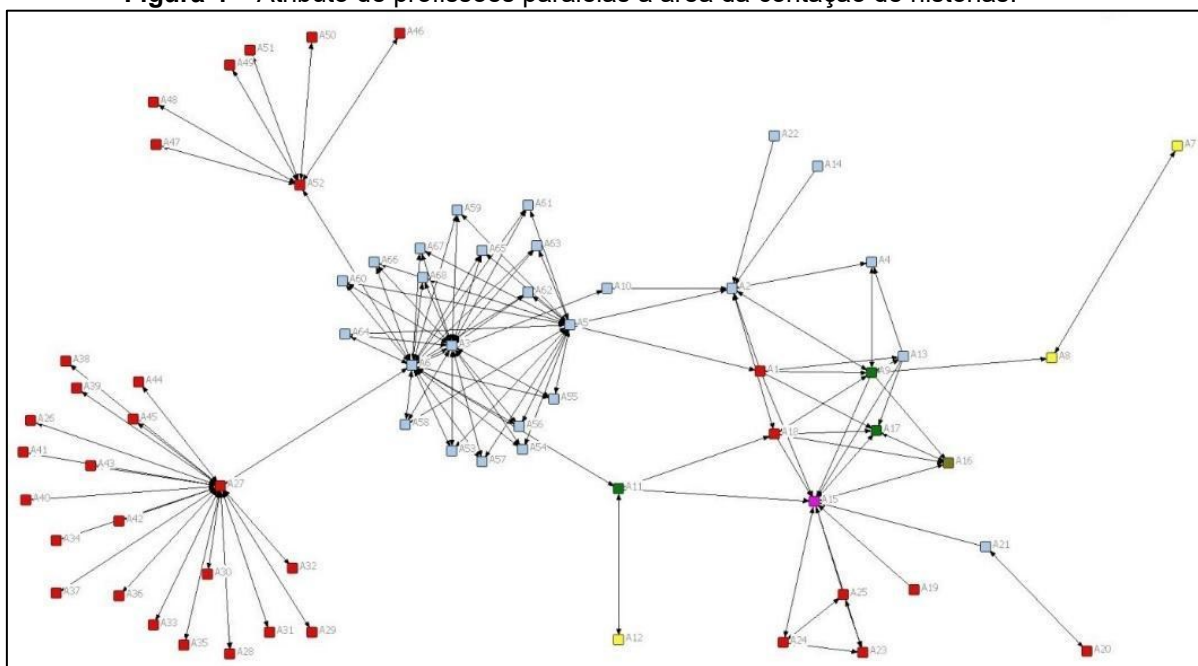
**Nota:** Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

O mapeamento dos territórios de atuação dos narradores expõe vários tipos de relações desencadeadas entre os grupos desses atores sociais e as instituições e/ou grupos com os quais estão ligados, conforme indica a Figura 3: Biblioteca Municipal de Vitória (ES) território de atuação do Grupo Chão de Letras (cor laranja); Escola de Ensino Fundamental da Rede Privada de Vitória (ES) (cor verde escuro); Empresa “A Mala Produções” (cor rosa claro); Museu Capixaba do Negro território de atuação do Grupo Filhos de Griô (cor azul claro); Prefeitura Municipal de Cariacica (ES) (cor azul escuro); Prefeitura Municipal de Domingos Martins (ES) (cor roxo escuro); Prefeitura Municipal de Jerônimo Monteiro (ES) (cor verde); Prefeitura Municipal de Viana (cor roxo claro); Prefeitura Municipal de Vila Velha (cor vermelha); Prefeitura Municipal de Vitória (ES) (cor cinza); Projeto Colorir caracterizado como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) (cor verde musgo); Universidade Federal do Espírito Santo (cor verde claro) e outros territórios de atuação de narradores autônomos que não fazem parte de nenhuma instituição ou grupo em específico (cor rosa escuro).

Destacam-se as conexões dos narradores autônomos remunerados representados pela cor rosa escuro, permitindo entender que não estão ligados diretamente a nenhum território e, com isso, demonstrando que podem trabalhar como narradores em uma variedade de instituições. Na medida em que são contratados esporadicamente para apresentações performáticas, acabam constituindo, assim, uma estrutura descentralizada conforme o delineamento do desenho no lado direito da rede. No centro concentram-se bibliotecários conectados por uma rede distribuída e no lado esquerdo professores conectados por uma estrutura centralizada. Esses profissionais atuam fixamente em instituições de informação e ensino ao contar histórias, não tendo, com isso, uma remuneração específica conforme será colocado em análise posterior. De certa forma, todos os contadores de histórias possuem outras ocupações, podendo ou não atuar como narrador no contexto das instituições que os acolhem, estando livres, portanto, para trabalhar em outras áreas constituindo novas estruturas de colaboração.

As profissões paralelas são identificadas como advogado, bibliotecário, professor, pedagogo, escritor e terapeuta. Contudo, todos atuam/atuaram profissionalmente como contadores de histórias no cenário espírito-santense. Os territórios de atuação perpassam espaços tempos de informação, cultura e educação (formal e informal), como bibliotecas, centros de educação infantil, escolas, praças, livrarias, OSCIP e museus.

**Figura 4** – Atributo de profissões paralelas à área da contação de histórias.



**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.

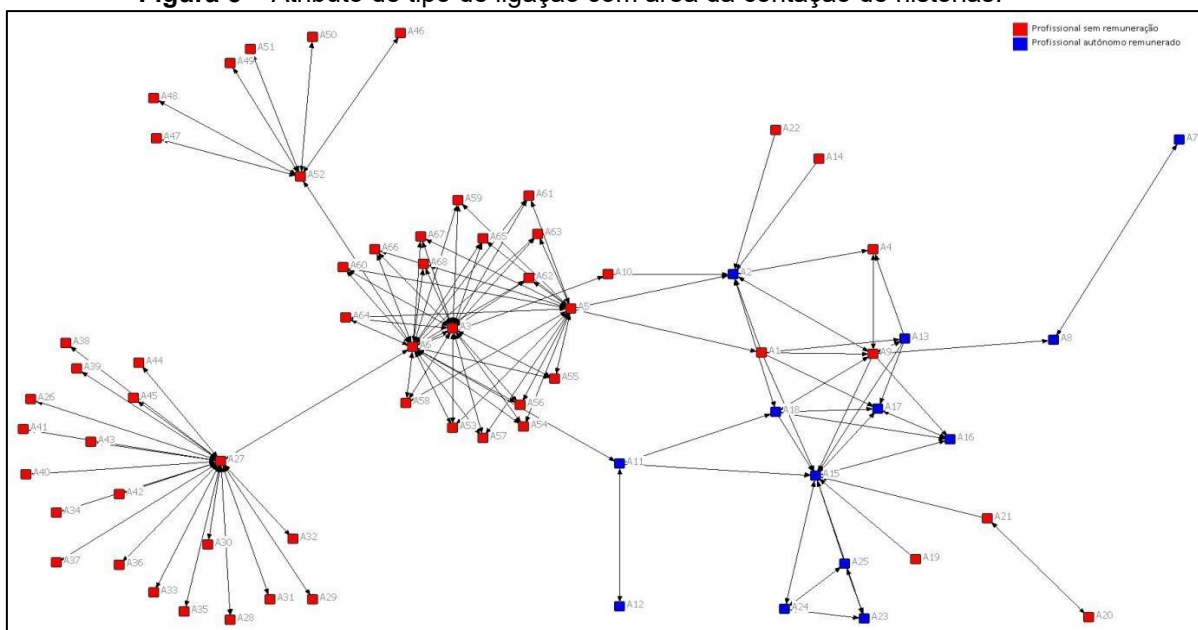
**Nota:** Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

No que se refere à troca de informação e produção de conhecimento, não se trata apenas de pensar na estrutura de colaboração dos contadores de histórias conectados em redes e, sim, direcionar um olhar para as estruturas de relacionamentos cotidianamente conformadas. Nesse sentido, a análise do seu perfil permite considerar que a maior parte dos contadores de histórias têm diplomas de curso superior (35,29%) e de pós-graduação (61,76%), representando um tipo de sujeito que exerce uma profissão paralela e, ao mesmo tempo, que possuem ligações com outras áreas de atuação. Enfoca-se, nesse momento, o atributo da rede que se volta para as profissões paralelas que os contadores de histórias desenvolvem (Figura 4).

As funções destacadas são as de advogado (cor rosa), bibliotecário (cor azul), escritor (cor verde escuro), pedagogo (cor amarela), professor (cor vermelha) e terapeuta (cor verde musgo). Os laços fracos da rede em alguns momentos parecem estar relacionados com a quantidade dos tipos de profissões paralelas às áreas da contação de histórias, como a função de pedagogo (cor amarela) visualizada em número reduzido e de forma centralizada próximo à rede descentralizada (lado direito) e a de bibliotecário (cor azul) em um número maior (no centro) conformando um desenho de rede distribuída.

A quantidade menor desse atributo de profissões paralelas parece não conferir sentido à explicação para os laços fracos que se conformam, tendo em vista que a profissão de professor (cor vermelha) e bibliotecário (cor azul) em maior quantidade parece não fortalecer apenas os vínculos sociais em redes mais distribuídas (centro da rede). Do lado esquerdo da rede aparece uma quantidade expressiva de nós que representam a profissão de professor (cor vermelha) delineiam um desenho de rede centralizada que não colabora com o fortalecimento dos laços sociais no campo da narrativa oral.

**Figura 5** – Atributo de tipo de ligação com área da contação de histórias.



**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.

**Nota:** Uso do software "UCINET 6.586" e do "Net Draw 2.155".

Com o atributo de tipo de ligação com a área da contação de histórias, visualiza-se um certo fortalecimento das relações sociais dos sujeitos e identificam-se profissionais sem remuneração específica (cor vermelha) que, na maioria das vezes, se relacionam entre si por meio de estruturas distribuídas (centro da rede) e centralizadas (lado esquerdo da rede). Pouco se verificam laços fracos no desenho da parte centralizada e distribuída da rede, enquanto que o tipo de ligação profissional autônomo remunerado (cor azul) estão todos praticamente localizados na parte descentralizada da rede (Figura 5).

Identifica-se a ausência de laços fracos no desenho da parte centralizada e distribuída da rede, assim como a presença de profissionais sem remuneração específica (cor vermelha) que, na maioria das vezes, se relacionam entre si não



caracterizando, com isso, uma rede distribuída com os demais membros de fato. A visualização dos laços fracos nos nós da rede não impedem a ligação dos sujeitos em diferentes territórios, da escola à biblioteca, do museu à biblioteca, da rede particular à rede pública de educação, dentre outras ligações não especificadas, conforme poderá ser constatado nos resultados acerca do indicador de centralidade de proximidade discutidos na próxima seção. A ARS expõe que as conexões em redes de colaboração podem ser compreendidas com a representação dos territórios de atuação dos narradores de histórias e, principalmente, por meio da interação síncrona ou assíncrona possibilitada pelas novas tecnologias (RECUERO, 2009; 2017)

### 5.2.2 Análise e interpretação dos indicadores de rede

O primeiro indicador analisado na rede social dos contadores de histórias foi o de densidade, cuja métrica consiste em apontar a conectividade geral da rede como um todo baseada na proporção entre o número de relações existentes (no caso **213**) e relações possíveis (no caso **4556**) na estrutura considerando relações direcionais (HIGGINS; RIBEIRO, 2018).. Após a execução da função métrica pelo Ucinet, o resultado apontou uma densidade baixa na rede (**4.7%** em 100%). Observando a Figura 2, constata-se com facilidade que a estrutura mais ao centro apresenta-se com maior conectividade (maior número de relações), portanto, mais densa, em relação às demais partições. Tal constatação mostra que os atores sociais que se encontram posicionados nessa parte mais ao centro conseguem viabilizar a circulação de recursos informacionais associados a ações de interesses em comum. Isso pode ser problemático, uma vez que cria condição de formação de grupos fechados (baseados em laços fortes) que potencializam a degeneração da informação que circula na rede, tornando-a repetitiva e sem perspectiva de atualização. No aspecto geral, a baixa densidade apontada indica que a estrutura relacional da rede dos contadores de histórias capixaba dificulta a transferência de informação e de conhecimento entre os participantes e, conseqüentemente, entrosamentos que poderiam beneficiar a troca de experiências tácitas na rede como um todo (MARTELETO, 2001). Em suma, a estrutura geral da rede estudada reflete uma baixa socialização.

Uma vez avaliada a coesão da estrutura geral da rede em função de sua densidade, pode-se agora discriminar os atores sociais segundo o seus níveis de prestígio e influência na rede por meio do indicador de centralidade, que indica a potencialidade de um narrador se comunicar na rede e ainda desvelar a sua proximidade e/ou intermediação com os demais agentes sociais na estrutura. Nesse caminho, após a execução das funções relacionadas a esse indicador no Ucinet, algumas métricas e medidas de ARS são discutidas na sequência.

A centralidade de grau da rede dos contação de histórias pode ser visualizada na Tabela 1 para os narradores com maiores medidas, indicando a importância do ator na rede, seja em função de suas indicações, seja em função das relações profissionais que os unem nos territórios de atuação. Cabe destacar que os demais narradores da rede (**88%**) obtiveram índice de centralidade abaixo de **10%** (tanto de entrada quanto de saída), indicando que a estrutura da rede dos contadores de histórias capixaba é bem dispersa em termos de interação entre seus agentes.

**Tabela 1** – *Ranking* da medida de centralidade de grau na rede de contação de histórias

Atores	Grau saída	Grau entrada	% Grau saída	% Grau entrada
A6	21	19	31,34	28,35
A27	20	20	29,85	29,85
A5	18	16	26,86	23,881
A3	17	17	25,37	25,37
A52	7	7	10,44	10,44
A9	7	6	10,44	8,95
A15	4	12	5,97	17,91
A2	3	8	4,47	11,94

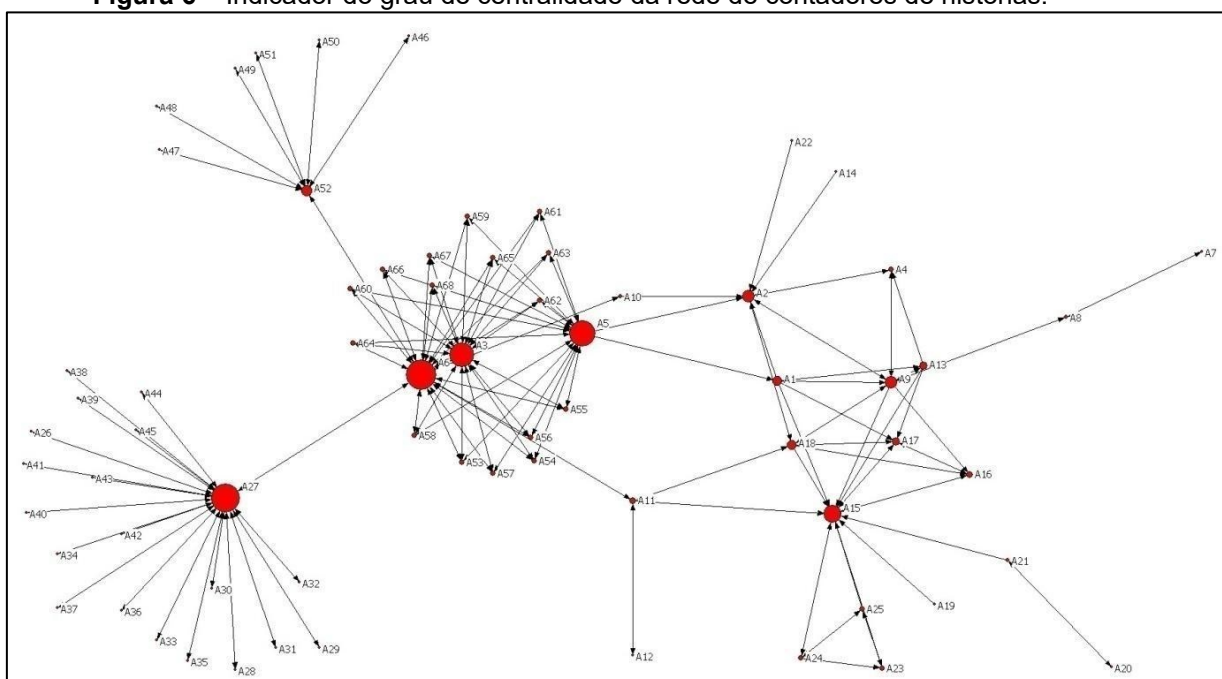
**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.

O resultado apresentado na Tabela 1 pode ser complementado com o desenho da rede representado na Figura 6 em que se destacam principalmente, e nessa ordem, os nós A6, A27, A5 e A3 com maiores índices de centralidade na rede. Cabe destacar, conforme se observa na Figura 6, que para cada partição do grafo (centro-periferia), há um narrador central que cumpre o papel de estabelecer a comunicação direta com atores mais próximos, desvelando, assim, o seu índice de centralidade em relação aos demais atores da partição. Soma-se a isto, a possibilidade de se tornar comparáveis as medidas de centralidade de grau para redes de diferentes tamanhos, como de fato se revela

nas relações sociais dos contadores de histórias que, em alguns momentos, apresentaram-se como centralizadas, descentralizadas e distribuídas.

Na análise do grau da centralidade cabe destacar que as relações profissionais que unem os sujeitos narradores nos territórios de atuação devem ser levadas em consideração. Conforme pode ser observado na Figura 6, a medida do grau de centralidade é importante para identificar os nodos que mais contribuem para a descentralização da rede, possibilitando visualizar que os nós mais fortes estão localizados no desenho distribuído (centro da rede) e centralizado (lado esquerdo da rede). Tendo em vista que esses nós estão localizados no campo da informação (bibliotecas) e educação (escolas), ou seja, em territórios em que bibliotecários e professores atuam, depreende-se que os narradores sem remuneração específica são responsáveis pelo fortalecimento da ampliação e fortalecimento da rede de colaboração do narrador no cenário capixaba.

**Figura 6** – Indicador do grau de centralidade da rede de contadores de histórias.



**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.

**Nota:** Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”.

Postas as considerações e sabendo que o grau de entrada é representado pelo número de conexões que um nó recebe de outros sujeitos na rede (TOMAÉL; MARTELETO, 2006), os resultados apontam que A27 (**29,85%**) é o narrador que possui maior prestígio na rede, seguido de A6 (**28,35%**), A3

(**25,37%**) e A5 (**23,88%**). Isso pode indicar que esses narradores são os mais populares da rede, ou até mesmo indicar que têm maior probabilidade, em relação a outros, de receber informações que circulam na rede. Por outro lado, o grau de saída é representado pelo número de conexões que sai de um nó para o outro (TOMAÉL; MARTELETO, 2006), representando o número de indicações que este fez a outros sujeitos da rede. Nesse sentido, os resultados apontam que A6 (**31,34%**) é o narrador mais influente na rede, seguido de A27 (**29,85%**), A5 (**26,86%**) e A3 (**25,37%**). Isso pode indicar, em termos comportamentais, que esses narradores têm mais iniciativa em querer se aproximar mais de outros na rede, buscando constituir relações para troca de conhecimento tácito, o que se mostra ideal numa sociedade baseada em conhecimento (FERREIRA; ALVARES; MARTINS, 2017). Acrescenta-se a essas aferições, a média de relação em toda a rede, que revela o peso dos nós em função da quantidade de suas conexões (grau de entrada e grau de saída). A média de grau no valor de **3,13** mostra a fragilidade das relações na estrutura social dos narradores, tendo em vista que o universo é de 68 pessoas.

Em vista ao aprofundamento na análise, poder-se-ia indagar se a rede está sendo puxada por poucos atores com alto grau nodal, se a formação das relações depende de poucos atores muito ativos ou prestigiosos, ou se, pelo contrário, há uma distribuição balanceada do número de relações entre os nós (HIGGINS; RIBEIRO, 2018). Nessa direção, o índice de centralização da rede como um todo pode ajudar ao projetar os resultados, tanto para o grau de saída (**27%**) quanto para o grau de entrada (**25%**). Logo, permite-se aferir e, ao mesmo tempo, reforçar a alta dispersão na rede em termos relacionais, contribuindo para que a estrutura social seja dependente de poucos narradores ativos (A6, A27, A5 e A3) e com prestígio (A27, A6, A3 e A5) para torná-la mais equilibrada ou, mesmo, distribuída.

Conforme se abordou na seção 3, o indicador de centralidade admite perspectivas complementares na análise do posicionamento desses atores na rede, possibilitado pelas medidas de proximidade e intermediação. A primeira medida ajuda a avaliar se um ator pode interagir de forma mais rápida com outros a partir de sua posição na rede, a qual é medida por suas distâncias geodésicas. Logo, quanto menor essa distância, mais próximo um ator encontra-se de todos os outros na rede. Assim, a proximidade é outra forma de aferir a centralidade,

entendida, nesse ponto, como capacidade de influência (HIGGINS; RIBEIRO, 2018). Já a segunda medida desvela os atores que fazem papel de “ponte” na conexão com outros na rede, considerando suas posições geodésicas no caminho de ligação.

A intermediação, portanto, denota certa forma de poder dentro da rede, pois facilita ou obstruí fluxos de informação ou qualquer tipo de recurso que circula na estrutura. A Tabela 2 apresenta as duas medidas de centralidade para (apenas) narradores com maiores índices de proximidade e intermediação na rede de contação de histórias.

**Tabela 2** – *Ranking* das medidas de proximidade e intermediação na rede de contação de histórias

Atores	Índice de Proximidade	Atores	Índice de Intermediação
A15	34,36	A6	42,87
A17	28,39	A27	37,38
A16	26,69	A52	13,57
A23	25,87	A11	7,90
A24	25,87	A5	7,23
A25	20,68	A15	5,45
A2	8,64	A2	3,83
A6	4,27	A9	3,82

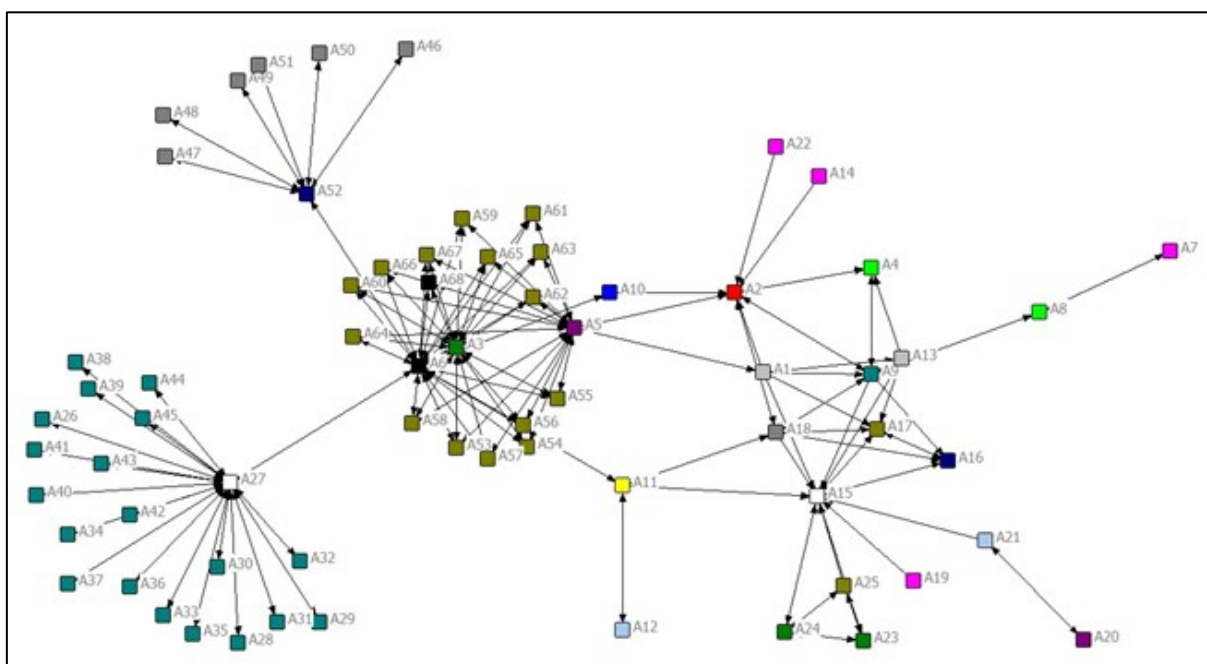
Fonte: Produzida durante a elaboração da pesquisa.

O *ranking* para o índice de proximidade mostra que os narradores representados por A15 (**34,36%**), A17 (**28,39%**), A16 (**26,69%**), A23 (**25,87%**), A24 (**25,87%**) e A25 (**20,68%**) são os mais bem posicionados na rede dos contadores de histórias, dado que índices altos de proximidade indicam melhor capacidade de os nós se ligarem aos demais da rede. Esse grupo de narradores apresenta vantagem frente a outros pela capacidade de entrosamentos, podendo atingir rapidamente outros narradores na rede. Nesse contexto, reforça-se, conforme foi destacado na seção 5.2.1, que esses narradores estabeleceram laços fracos no desenho da parte descentralizada da rede, podendo inferir que o aspecto ligado à remuneração do profissional exerce influência nas relações da rede, abrindo espaços investigativos desse fenômeno no domínio da contação de histórias espírito-santenses.

Vale destacar a situação de A15 que aparece no *ranking* de centralidade de grau (Tabela 1) com certo grau de prestígio (**17,91%**) e de influência na rede (**5,97%**). Contudo, ao que se revela pelo seu índice de proximidade, possui

grande potencial em influenciar ou buscar novos contatos na rede. Isso reforça o quão útil pode se apresentar o indicador de centralidade de proximidade na medida em que serve de instrumento avaliador de grupos em potencial ou mesmo estratégicos na rede (RECUERO, 2017), no sentido de possibilitar a criação de alternativas para melhorar vínculos sistêmicos e, conseqüentemente, a coesão da rede.

**Figura 7 – Indicador de centralidade de proximidade da rede de contadores de histórias**



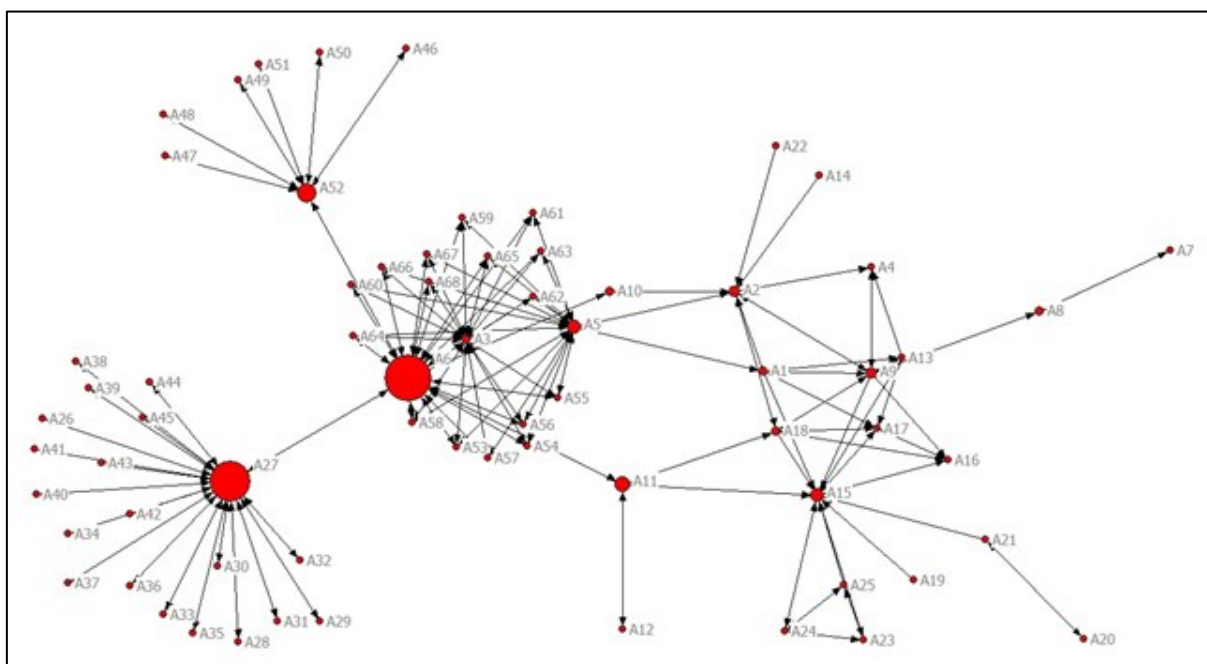
**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.  
**Nota:** Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”

A Figura 7 destaca a partir das cores dos nós da rede, como poderiam se estabelecer os vínculos sistêmicos, a partir do indicador de centralidade de proximidade, para fins de completude da rede. Nota-se que A15 (cor branca) poderia buscar rapidamente por A27 (cor branca); A17 e A25 (cor verde musgo) por vários nós centrais (cor verde musgo) da rede; A16 (cor azul escuro) por A52 (cor azul escuro); e A23 e A24 (cor verde escuro) por A3 (cor verde escuro). É notório observar também que A27, A3 e A52 são narradores que se destacaram quanto ao índice de centralidade, conforme se apresentou na Tabela 1.

Já o *ranking* para o índice de intermediação mostra que os narradores representados por A6 (42,87%), A27 (37,38%), A52 (13,57%), A11 (7,90%), A5 (7,23%) e A15 (5,45%) são os que mais se destacam como intermediadores no processo de comunicação da rede, tendo cada um (a depender do seu índice),

grau de importância na ligação entre os diferentes grupos da rede, isto é, ligando a parte central (A6 e A5) às partes periféricas (A27, A52, A11 e A15) e vice versa. Observa-se que grande parte desses intermediadores também é narrador central da rede (A6, A27, A5, A52 e A15), conforme se viu na Tabela 1, demonstrando a capacidade como agentes de puxar as relações e ao mesmo tempo manter a conectividade da rede. A Figura 8 destaca os nós com poder de intermediação em todos os *clusters* (grupos) da rede.

**Figura 8** – Indicador de centralidade de intermediação da rede de contadores de histórias



**Fonte:** Produzida durante a elaboração da pesquisa.  
**Nota:** Uso do software “UCINET 6.586” e do “Net Draw 2.155”

Finalmente, é válido afirmar que os indicadores de análise de redes sociais trabalhados nessa pesquisa dão suporte informacional ao gestor ou pesquisador da rede cultural de contadores de histórias ao desvelar vieses comportamentais desses atores sociais, apontando os narradores mais centrais, de maior prestígio, influentes e intermediadores no processo de comunicação da rede. Nessa perspectiva, o gestor tem em mãos informações de cunho estratégico para propor, por exemplo, um modelo de rede capaz de absorver tanto os nós que apresentaram índices satisfatórios em suas medidas de densidade e de centralidade quanto os menos mencionados na completez da rede, e, ainda, primar por um ambiente sistêmico propício a novas entradas e conexões bem distribuídas de sujeitos na rede.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pôde ser observado a maioria dos narradores contemporâneos pertence ao gênero feminino (89,70%) tendo iniciado a prática no início do século XXI (48,50%) registrando-se ainda um nível de formação no que se refere à obtenção de cursos de graduação (30,88%) e pós-graduação (61,76%), o que facilmente pode ser associado ao fato de que desenvolvem atividades paralelas à arte de contar histórias (67,65%). Esse perfil fornece elementos para pensar em estudos no interior do Estado do ES que permitam identificar o nível de formação e de atuação cultural do narrador com características mais tradicionais, para promover a inclusão digital e de forma que possam aproveitar as ferramentas de conexão entre narradores, pares, público e colaboradores.

Com a análise das redes sociais dos narradores representam-se aspectos relacionados com o grau de centralização (medida do grafo) e a centralidade (medida dos nós) das redes e coloca-se em questão a gestão das estruturas redes de comunicação, de forma que a centralização seja entendida a partir das relações dos grafos contribuindo para a representação das redes dos narradores. As conexões efetivam-se em redes sociais centralizadas, descentralizadas e distribuídas, sendo esse último desenho um ideal em termos de comunicação devido descentralizar e distribuir processos de produção de conhecimento e compartilhamento de uma (in)formação direcionada para a colaboração e a cooperação em ambientes híbridos. Depreende-se que esses atores compartilham informação narrativa em espaços presenciais e virtuais fortalecendo laços de relacionamentos multiplexos, necessitando, portanto, aprimorar habilidades de comunicação e técnicas de conexão e gestão em redes digitais de forma que possam atuar profissionalmente no ciberespaço.

A estrutura de comunicação dos narradores contemporâneos caracteriza-se em sua maioria pelas relações de amizades, fato que embasa a verificação de agrupamentos em grupos fechados estruturados nos territórios de atuação dos narradores, justificando um número reduzido de sujeitos que apresentaram um certo fortalecimento do grau de entrada e de saída em termos de indicação dos laços fracos e fortes. A identificação da centralidade das relações sociais reafirma o pertencimento de um narrador que se conecta em grupos de amizades e trabalhos presenciais e virtuais. Ao mesmo tempo que se relacionam



socialmente dificultam uma identificação clara dos agrupamentos direcionados para a área de atuação no campo da contação de histórias apesar de existirem. Desse modo, as etapas que constituíram a ARS consistiram na representação dos atores em redes sociais e na identificação do fluxo de informação decorrentes do desenho das conexões, repercutindo na análise propriamente dita e no tratamento dos dados que culminaram na apresentação de grafos de redes (des)centralizadas e distribuídas.

A necessidade de sustentar a atividade dos sujeitos narradores no ciberespaço perpassa o compartilhamento das experiências, necessitando, desse modo, de habilidades e técnicas que os conduzam a produção de conteúdo e transmissão da informação na sociedade contemporânea. Também necessitam de uma mudança de foco, de entendimento e de aceitação de outras perspectivas de aprendizados perante o acesso de redes digitais e presenciais, para, assim, fazer fluir uma conexão interativa que permita o compartilhamento de informações de interesse da classe desses profissionais em redes colaborativas e distribuídas requeridas pela era digital.

## REFERÊNCIAS

ALEJANDRO, V. A.; NORMAN, A. G. **Manual introdutório à análise de redes sociais: exemplos práticos com UCINET 6.109 e NETDRAW 2.28.** 2006.

BARAN, P. On distributed communications networks. **Communications Systems** – IEEE Transactions on, v. 12, n. 1, p. 19, 1964.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** SP: Brasiliense, 1996.

BICALHO, L. M; OLIVEIRA, M. Aspectos conceituais da transdisciplinaridade e a pesquisa em Ciência da Informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.21, n.2, p. 87-102, maio/ago. 2011.

BORKO, H. Information science: what is it? **American Documentation**, v.19, n.1, p. 3-5, 1968.

BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**: a era da Informação: Economia, sociedade e Cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FERREIRA, L. J. A.; ALVARES, L. M. A.; MARTINS, D. L. A Gestão do Conhecimento e a Análise de Redes Sociais: um estudo aplicado no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás. **Informação & Sociedade: Estudos**, v 27, n.2, 2017.

FREEMAN, L. C. Some antecedents of social network analysis. **CONNECTIONS**, v. 19, n. 1, p. 39-42, 1996.

FLECK, F. O. O contador de histórias: uma nova profissão? **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 23, 1º sem. 2007.

GERLIN, M. N. M. **No balanço das redes dos contadores de histórias**: competência narrativa e competência em informação no século XXI. 2015. 325 f., Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GERLIN, M. N. M. **Tecendo redes e contando histórias**: competências em informação e narrativa na contemporaneidade. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed.- São Paulo: Atlas, 2009.

HIGGINS, S. S.; RIBEIRO, A. C. A. **Análise de redes em Ciências Sociais**. Brasília, Enap, 2018.

JOHNSON, J. D. **Gestão de redes de conhecimento**. São Paulo: Editora Senac, 2011.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010. 270 p.

LÉVY, P. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 2011. 160p.

MCGARRY, K. **O contexto dinâmico da informação**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais-aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MARTELETO, R. M, TOMAÉL, M. I. A metodologia de análise de redes sociais (ARS). In: Valentim MLP. **Métodos qualitativos de pesquisa em ciência da Informação**. São Paulo: Polis; 2005. p. 81- 100.

MARTELETO, R. M. REDES SOCIAIS, MEDIAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE INFORMAÇÕES: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Revista Telfract**, v. 1, n. 1, 2018.

MARTINS, D. A emergência da análise de redes sociais como campo de pesquisa: perspectiva da análise da produção científica em português e espanhol a partir do Google Acadêmico. **Alexandria: Revista de Ciencias de la Informacion**, n. 8, 2011.

MATHEUS, R. F; SILVA, A. B. de O. Análise de redes sociais como método para a Ciência da Informação. **DataGramZero-Revista de Ciencia da informacao**, v. 7, n. 2, 2006.

MATOS, G. A; SORSY, I. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. São Paulo: Editora: WMF Martins Fontes, 2009.

NININ, D. M. *et al.* Indicadores de circulação do acervo na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos. **Transinformação**, v. 27, n. 1, p. 59-71, 2015.

OTTE, E.; ROUSSEAU, R. Social network analysis: a powerful strategy, also for information sciences. **Journal of Information Science**, Thousand Oaks, v. 28, n. 6, p. 441-453, 2002.

RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais**. Salvador: EDUFBA, 2017.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. Trad. Ana Maria P. Cardoso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, p. 41-62, 1996.

SILVA, A. B. de O. *et al.* Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 35, n. 1, p. 72-93, 2006.

SUGAHARA, C. R.; VERGUEIRO, W. Aspectos conceituais e metodológicos de redes sociais e sua influência no estudo de fluxos de informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 8, n. 1, p. 102-117, 2010.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 11, n. 1, p. 75-91, 2006.

UGARTE, D. **O poder das redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

VAN DIJCK, J. **The culture of connectivity**: A critical history of social media. Oxford: Oxford University Press, 2013.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social Network Analysis**: methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.